

EM QUAL LADO ESTÁS? : AS FIGURAÇÕES DO AUTOMÓVEL EM CONTOS DE “ROSÁRIO DA ILUSÃO”, DE JOÃO DO RIO

SABRINA FERRAZ FRACCARI^{1,2*}; PABLO LEMOS BERNED^{1,2}

¹Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo; ² Grupo de Pesquisa Trânsitos Literários;

¹Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo; ² Grupo de Pesquisa Trânsitos Literários; *Autor
para correspondência: Sabrina Ferraz Fraccari (ferrazsabrina13@gmail.com)

1. Introdução

João do Rio, autor carioca cuja maior parte da produção se deu nas duas primeiras décadas do século XX, registrou, em inúmeros de seus escritos, diversas modificações que ocorreram na sociedade carioca naquele momento histórico: a remodelação da cidade, crescente presença de inovações técnicas e a – ainda mais evidente – separação da sociedade em função de aspectos financeiros. Com vistas a tornar a então capital da República uma ‘Paris dos trópicos’, o prefeito Pereira Passos, inspirado nas reformas propostas pelo Barão de Haussman, na cidade de Paris, decidiu, ele também, modificar por completo o centro e a zona portuária da cidade carioca. Para isso, entre 1902 e 1906, derrubou uma série de cortiços sem se preocupar com os moradores daqueles locais, e abriu avenidas, cuja principal delas foi a Avenida Central, no período que ficou popularmente conhecido como “Bota Abaixo”.

As avenidas inspiradas nos boulevares parisienses assistiram, em pouco tempo, a uma progressiva ampliação do número de automóveis que por elas desfilavam. Segundo Brito Broca (1956), é justamente esta crescente aparição do automóvel nas ruas cariocas que serve de inspiração para a crônica de abertura do livro **Vida Vertiginosa**, publicado por João do Rio em 1911. A crônica que abre o volume intitula-se “A era do automóvel” e registra as impressões do escritor sobre aquele que se tornara figura recorrente na cidade:

E, subitamente, é a era do Automóvel. O monstro transformador irrompeu, bufando, por entre os descombros da cidade velha, e como nas magias e na natureza, aspérrima educadora, tudo transformou com aparencias novas e novas aspirações. Quando os meus olhos se abriram para as agruras e também para os prazeres da vida, a cidade, toda estreita e toda de mau pizo, eriçava o pedregulho contra o animal de lenda, que acabava de ser inventado em França. Só pelas ruas esguias dois pequenos e lamentáveis corredores tinham tido a ousadia d'apparecer. Um, o primeiro, de Patrocínio, quando chegou, foi motivo de escandalosa atenção” (RIO, 1911, p. 03).

Tal crônica deixa evidente a separação que existe com a chegada do automóvel: há um Rio antes e um Rio depois que o veículo se apossa da cidade. O automóvel, porém, não mudou

somente a cara da cidade, ele também deixou ainda mais clara a distância que separava ricos e pobres na cidade do Rio de Janeiro do início do século XX.

2. Objetivos

Buscamos, a partir da análise de alguns contos do livro **Rosário da Ilusão**, publicado originalmente em 1921, identificar as diferentes representações do automóvel e o que elas acarretam para as personagens dos contos.

3. Metodologia

Optamos por realizar a análise a partir do método da análise estrutural da narrativa, pautando-nos, sobretudo, nos modelos propostos por Barthes (2008) e Todorov (2008).

4. Resultados e discussão

Rosário da Ilusão, publicado originalmente em junho de 1921, apresenta 13 contos com temáticas diversas: desde um rapaz que resolve substituir sua cabeça por uma de papelão, abrindo mão de seus valores, para ascender socialmente no chamado Paiz do Sol, no conto *O homem da cabeça de papelão*, que abre o volume, até a história de Maria, a mãe de Jesus, recontada sob o ponto de vista de seu sofrimento, no conto *Sombra*. A obra é marcada por um tom mais sóbrio em comparação com outros livros de contos do mesmo autor, embora mantenha seu característico sarcasmo, como acontece no conto *A felicidade de Clodomiro*, no qual o protagonista, um rapaz de futuro promissor, desperta a inveja dos demais por dedicar-se às coisas que faz, e decide abdicar de seu futuro para não mais ser perseguido pelos demais: assim como Antenor de *O homem da cabeça de papelão*, Clodomiro recusa-se a pensar. O automóvel também aparece nos contos, e vai desde o meio de transporte que diminui distâncias, até a máquina capaz de matar.

Em *O homem da cabeça de papelão*, o automóvel aparece no momento em que Antenor passeia pelas ruas do centro à procura de indícios sobre a sua popularidade, já que estava cotado para ser o novo senador do Paiz do Sol: “[...] Antenor passeava de automóvel pelas ruas centrais, para tomar o pulso à opinião quando seus olhos deram na taboleta do relojoeiro e lhe veio a memória” (RIO, 1921, p. 18). É neste momento que Antenor lembra que devia buscar sua cabeça que havia deixado para o conserto. Já o automóvel serve como um esconderijo para o rapaz realizar sua ‘pesquisa de opinião’, ao mesmo momento que o separa dos demais, e permite que apenas os espreite à distância, oculto pela máquina. Além disso, o automóvel não

apareceu antes de Antenor trocar sua cabeça por uma de papelão, troca fundamental para que o rapaz passasse a ter sucesso no Paiz do Sol.

Já no conto *Sonho*, o automóvel é apenas mencionado por uma das personagens. O conto apresenta o encontro entre alguém que não foi beneficiado pelas reformas que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro, e que agora tem de dormir nas praças da cidade, constantemente fugindo dos guardas que eram responsáveis por afastar aqueles que ali tentavam pernoitar, com Jesus Cristo, em uma conversa que questiona os aspectos da religião. Em determinado momento o interlocutor de Cristo – que não é nomeado – toma a palavra e diz: “Essa história de religião agora é para a gente rica. São todos honestos e podem ir à missa d’automóvel. Olhe: eu acreditava em Deus se agora cahisse da lua uma cama e eu não sentisse fome” (RIO, 1921, p. 91). Ou seja, o automóvel é para as pessoas que têm dinheiro para comprá-lo. Portanto, aquele homem que toma os bancos das praças como cama para descansar não pode possuir um automóvel: é algo completamente distante de sua realidade. Automóvel é para gente rica, assim como a religião.

Tal prerrogativa – automóvel para gente rica – é retomada no conto *O Club dos Optimistas*, cujo pretense presidente, José Anatolio, convida o narrador a participar de uma associação que busca salvar a cidade do Rio de Janeiro, pois acredita que o mal da então atual sociedade era o pessimismo. No entanto, o principal objetivo do pretense presidente era arrancar uma boa quantia em dinheiro do narrador, pois tinha uma série de contas para pagar e sua vida estava em ruína. A presença do automóvel no conto se dá quando o narrador passa a se refletir a respeito da onda de pessimismo convertida em melancolia que tomava conta da sociedade, questionando-se a respeito do que vem acontecendo na cidade: “Pode-se prender todos os transeuntes da Avenida como gatunos? As avenidas ainda são interessantes? Mas os sujeitos que passam de automóvel têm direito de usar esse meio de locomoção, têm dinheiro?” (RIO, 1921, p. 123). Ou seja, retomando a ideia já exposta em *Sonho*, o narrador se pergunta se quem anda de automóvel teria o direito de fazê-lo, e esse direito resume-se ao fato de ter dinheiro, ou seja, só anda de automóvel quem tem dinheiro para tal.

Já no conto *O Anjo*, o automóvel aparece com função inédita e fatal, pois o anjo – personagem central do conto – acaba se tornando a alma de um menino e precisa protegê-lo, porém, em determinado momento, o protegido acaba morrendo em um acidente de automóvel. “Um dia, o corpo de cinquenta anos em que o pequeno anjo da guarda substituíra a alma estava em um automóvel. O automóvel precipitou-se contra outro. Com o choque, o corpo foi jogado

á distancia, a cabeça fendida” (RIO, 1921, p. 160). Aqui o automóvel surge como uma máquina mortal, pois o corpo que o anjo deveria proteger não sobrevive a um acidente de automóvel. Não há menção sobre a condição financeira do protegido do anjo, mas se diz que ele teria uma ama e que estudou em uma escola, ou seja, não pertencia a uma classe social baixa.

5. Conclusão

O automóvel é claramente demarcado como uma posse de gente rica, pois Antenor só possuiu um depois de fazer sucesso e ser cotado para senador do Paiz do Sol, o protegido do anjo era de classe social mais abastada, e tanto o narrador do conto *O Club dos Optimistas* quanto o interlocutor de Jesus no conto *Sonho* fazem questão de deixar claro isso: automóvel é para quem tem dinheiro e pode pagar por ele. No entanto, além de ser um marcador da posição social dos indivíduos, o automóvel aparece também com uma função mais macabra, pois ele pode causar acidentes fatais e pode acabar com a vida das pessoas. Ou seja, além de deixar ainda mais evidente as diferenças sociais que existiam na cidade do Rio de Janeiro, essa inovação técnica tão exaltada se converte também em uma arma mortal.

Referências bibliográficas

BARTHES et. al. **Análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 5 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2008.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1956.

RIO, João do. **Rosário da Ilusão**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1921.

_____. **Vida vertiginosa**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Palavras-chave: Automóvel; Rio de Janeiro; Rosário da Ilusão; Contos; João do Rio.

Fonte de Financiamento

PROBIC / FAPERGS